

***As Chronicas Decorativas* de Fernando Pessoa:** edição crítica de oito documentos

Fabrizio Boscaglia*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Crónicas, *Chronicas Decorativas*, Japão, Pérsia, Omar Khayyam, Orientalismo, Oscar Wilde.

Resumo

São aqui apresentados e transcritos documentos do espólio de Fernando Pessoa, destinados ao projeto editorial intitulado *Chronicas Decorativas*, elaborado e parcialmente publicado pelo autor em 1914. À transcrição da primeira e única crónica publicada em vida pelo escritor português (n' *O Raio*), juntam-se a versão preparatória ou alternativa do mesmo escrito ficcional, mais três outros textos pertencentes ao mesmo projeto, acompanhados por outros documentos do espólio do escritor, relacionados com os referidos materiais.

Keywords

Fernando Pessoa, Chronicles, *Chronicas Decorativas*, Japan, Persia, Omar Khayyam, Orientalism, Oscar Wilde.

Abstract

Documents from the estate of Fernando Pessoa are introduced and transcribed here; they are part of the editorial project titled *Chronicas Decorativas* ('*Decorative Chronicles*'), which was created and partially published by the author in 1914. In addition to the transcription of the first and only chronicle published (in *O Raio*) during the life of the Portuguese writer, we present: the preparatory or alternative draft of the same fictional work, three texts intended to the same project, and other documents from Pessoa's literary estate related to aforementioned materials.

* Centro de Filosofia – Universidade de Lisboa.

Soube hoje uma cousa que me desgostou – que a Persia realmente existe.

Fernando Pessoa¹

O projeto editorial intitulado *Chronicas Decorativas* estreou a 12 de setembro de 1914, com a publicação, no n.º 12 do jornal *O Raio*, da primeira de uma série de prosas ficcionais de Fernando Pessoa, agrupadas sob esse nome (Figs. 3 e 4). O assunto desse escrito inaugural – o encontro ocorrido em Lisboa entre o narrador e um professor universitário japonês chamado Boro – é o eixo narrativo à volta do qual se desenvolvem considerações de tom humorístico acerca da assumida e paradoxal *inexistência do Japão*, país descrito enquanto entidade imaginária e apenas bidimensional, só sedeada na superfície de bules e chávenas. Dada esta firme convicção, o narrador não quer aceitar – e acha totalmente absurda e irreal, apesar de testemunhada pela sua própria experiência – a existência de um japonês, vindo de um impossível *Japão real* e professor numa também impossível Universidade de Tóquio.

Foi esta a única *Chronica Decorativa* publicada em vida por Pessoa, que logo após este primeiro episódio deixou de colaborar com *O Raio*. Contudo, no espólio pessoano, ficaram mais documentos destinados a este projeto editorial que aqui publicamos, juntamente com o mencionado texto sobre o Japão. Compõem-se, estes materiais, de: a versão preparatória ou alternativa da já referida *Chronica*, escrita a 22 de agosto de 1914; uma segunda *Chronica* produzida no mesmo dia e também dedicada à inexistência de outro país do Oriente (a Pérsia); dois escritos, ambos intitulados *Chronicas Decorativas*, do mesmo período, dedicados à estética, ontologia, antropologia e psicologia do inexistente.

O projeto das *Chronicas Decorativas* surgiu no período entre a estreia de Pessoa n' *A Águia* com os artigos sobre a “Nova Poesia Portuguesa” (1912-1913) e o lançamento da revista *Orpheu* (1915). Trata-se de uma fase de progressivo amadurecimento e afinamento das intenções, posições e perspetivas intelectuais e estéticas de Pessoa, no seu caminho para cumprir o destino de autoelegido “supra-Camões” (PESSOA, 1912: 107), génio literário português e universal, que em 1914 já não se queria alinhar ao Saudosismo da Renascença Portuguesa e que estava aliás a preparar, juntamente com Mário de Sá-Carneiro, a grande iniciativa modernista, sensacionista e cosmopolita das Letras nacionais.

No que diz respeito à presença de temas políticos nacionais, eles são aparentemente ausentes na *Chronica* publicada em vida, enquanto se encontram ironicamente evocados na que se desbrucha sobre a Pérsia, através de uma menção aos “dementados” monárquicos portugueses, possivelmente os do movimento chamado Integralismo Lusitano, contra o qual Pessoa publicou em 1915 o escrito

¹ Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3 (BNP/E3), 92L-78v. Ver texto crítico, documento n.º 3.

intitulado “O Preconceito da Ordem”, no único número de *Eh Real!*. Note-se, a este respeito, que nas *Chronicas Decorativas* Pessoa mascara-se de “homem amante da Tradição e da Ordem”. Há aqui a destacar um aspeto caricatural, satirizante, com a redução ao absurdo das doutrinas dos integralistas.

Quanto ao fundador e diretor do jornal *O Raio*, Américo d’Oliveira, este tinha sido o fundador d’*O Republicano* em Alcobaça (1908)² e tinha participado na revolução de 5 de outubro de 1910. Em 1914, durante o governo de Afonso Costa (Partido Democrático), Américo d’Oliveira era militante do Partido Evolucionista, após a divisão em três partidos (Democráticos, Unionista, Evolucionista) do Partido Republicano. Pessoa tê-lo-á conhecido nos cafés de Lisboa e o facto de ambos se encontrarem desiludidos com a recém-nascida República terá constituído o elo que levou Pessoa a colaborar n’*O Raio*. Este jornal, na sequência da anterior iniciativa editorial *A Caveira*, também dirigida pelo Américo d’Oliveira e extinguida em inícios de 1912, era uma publicação de militância e crítica política, atenta às questões da política internacional – era iminente o início da Primeira Guerra Mundial – e aberta, em menor medida, a algumas contribuições literárias, como a de Pessoa.

Não sabemos se Américo d’Oliveira pensava que a literatura tinha n’*O Raio* um papel *decorativo*, mas não se pode excluir que o título dado por Pessoa à sua colaboração possa (ironicamente?) ter a ver com uma crítica à ideia de marginalidade da literatura no contexto das *crônicas* políticas que ocupavam então muito espaço na imprensa portuguesa.

Portugal, outrora primeiro país europeu a chegar ao Japão nos tempos dos Descobrimentos (1543),³ era em 1914 – vinte e quatro anos após o Ultimato Britânico, após a Implantação da República (1910) e na véspera da Primeira Guerra Mundial (1915) – um país que ocupava uma certa marginalidade na geopolítica mundial, com intelectuais como Pascoaes que exortavam publicamente a nação à entrada em guerra contra a Alemanha (cf. BARRETO, 2014). Não se pode excluir que estes elementos possam ter suscitado em Pessoa a intenção de ironizar sobre um suposto *decorativismo* da nação portuguesa na contemporaneidade e sobre a (auto)alienação dos portugueses perante si próprios e a história. Por essa razão, o humor e o absurdo de um narrador português, cuja mentalidade alucinada já não é capaz de admitir a existência real do Japão (ou da Pérsia, nem de aceitar os resultados da ciência), apesar da sua nação ser herdeira de tão gloriosos antepassados e *descobridores*. Daí que seja interessante assinalar que Pessoa voltou a

² Redator deste jornal naquele período foi Raul Proença. Agradecemos a José Barreto por nos ter facultado esta e outras informações acerca de Américo d’Oliveira.

³ Quanto às ligações culturais entre estes dois países, no presente número da revista *Pessoa Plural* é publicada uma resenha sobre as traduções da obra de Pessoa no Japão (cf. WATANABE, 2016). Note-se também que Pessoa escreveu *Haikus* (cf. FERRARI e PITELLA-LEITE, 2016; CARDIELLO, 2016).

ocupar-se do tema do “Provincianismo Português” com um escrito a ele dedicado, em 1928 (cf. URIBE, 2015).

No que diz respeito ao tema e ao imaginário do Oriente, patentes nas duas *Chronicas* sobre Japão e Pérsia, eles terão a ver, na linha do enquadramento proposto por Duarte Braga (2014, 2016) sobre o Modernismo de *Orpheu*, já não ou não apenas com a (meta)representação do Oriente enquanto o *outro* geocivilizacional, antes com uma reflexão crítica, pós-decadentista e subjetivista sobre o *próprio*, português e europeu. Esta perspectiva de estudo, juntamente com as referências diretas aos poetas persas “Omar Khayyam” e “Hafiz”⁴ nestes documentos, fazem das *Chronicas Decorativas* um projeto textual particularmente pertinente no que respeita ao estudo do Orientalismo em Pessoa e nas Letras portuguesas do início do século XX.⁵

É importante assinalar a menção a Khayyam, intelectual persa ao qual Pessoa dedicou ávidas leituras e que muito inspirou a escrita deste, tanto em poesia, como em prosa e sobretudo entre 1926 e 1935. Esta referência faz da *Chronica* sobre a Pérsia um dos documentos que testemunham como o autor persa foi uma das figuras mais frequentemente (re)visitadas, ao longo das décadas,⁶ na escrita e nos projetos editoriais de Pessoa. A versão das *Rubáiyát* de Khayyam que Pessoa leu e estudou mais foi a tradução-reinvenção inglesa de Edward FitzGerald (1910 [1859]; CFP, 8-296). Outras leituras que poderão ter acompanhado estas primeiras referências ao autor persa na escrita pessoana, terão sido: o artigo “Persian Poetry” de Ralph Waldo Emerson (1902 [1876]; CFP, 8-172: 480-187); *The Oxford Book of Victorian Verse*, antologia editada por Arthur Thomas Quiller-Couch em 1912, onde são incluídos alguns poemas de Khayyam na secção dedicada a Edward FitzGerald (CFP, 8-405: 155-157); a parte do livro *The Victorian Age in Literature* de Gilbert Keith Chesterton que este dedicou a FitzGerald e Khayyam (1914; CFP, 8-110: 192-196); e ainda obras de escritores persas listadas em documentos do espólio de Pessoa (93-69^{ar}; in PIZARRO et al., 2011: 152).

Trata-se em todo o caso de um Oriente em grande medida mediado pela literatura, pelas traduções e pela crítica literária, sobretudo *inglesas e anglófonas*, já a partir dos anos vividos por Pessoa no Império Britânico, em Durban. Não faltam, nas *Chronicas*, explícitas menções a intelectuais britânicos (Keats, Newton), aqui

⁴ ‘Umar Ḥayyām (1048-1131) e Ḥāfīz (1315-1390). Sobre a presença destes autores na obra de Pessoa, vejam-se os nossos estudos sobre Pessoa e a cultura islâmica (cf. BOSCAGLIA, 2015a, 2015b e 2016).

⁵ Considere-se que, no mesmo período em que Pessoa escrevia as *Chronicas Decorativas*, o escritor e militar português Wenceslau de Moraes morava no Japão, tendo já publicado vários livros em português sobre aquele país, entre os quais *O culto do chá* (1905), que contém ilustrações sobre o Japão e as chávena japonesas. Agradecemos ao Andrea Ragusa por nos ter facultado esta referencia.

⁶ Possivelmente já desde 1904-1905 (cf. FERRARI, 2010)

filtrados pela erudição francesa oitocentesca (Guyau)⁷ (cf. BRAGA, 2014). A referência textual anglófona mais marcante no tecido estético das *Chronicas Decorativas* encontra-se contudo velada. Trata-se do escritor Oscar Wilde, nomeadamente do seu texto “The Decay of Lying”, contido em *Intentions* (1891) e sendo uma obra bastante reveladora quanto à presença de Wilde em Pessoa (CASTRO, 2006). Foi aqui, como desvela e argumenta Jorge Uribe (2015), que Pessoa encontrou, tanto o tema da paradoxal inexistência do Japão (“There is no such country, there are no such people”; WILDE, 2003 [1891]: 1088), como e sobretudo a ideia estético-ontológica que se apresenta como fulcral nas suas *Chronicas*: “Art begins with abstract decoration, with purely imaginative and pleasurable work dealing with what is unreal and non-existent” (WILDE, 2003 [1891]: 1078). A partir de Wilde é que Pessoa reelabora uma espécie de manifesto estético-ontológico, tão fecundo quanto a possíveis implicações críticas e hermenêuticas sobre heteronimismo e ficção. Este manifesto encontra-se num texto que, apesar de apresentar uma parte final de difícil leitura, é suficientemente claro e explícito no *incipit* (Fig. 1):

Toda a gente é a caricatura d’uma unica pessoa que não existe. Nenhum de nós podia figurar n’um romance realista. Somos todos falsos, inteiramente irreaes.

O romantismo, o melodramatico, o caricatural, o grotesco – estas tendencias são as que representam a vida, a verdade, a realidade. O realismo é um delirio, a pretensão louca a forçar a realidade a ser sobria, comprehensivel e clara.

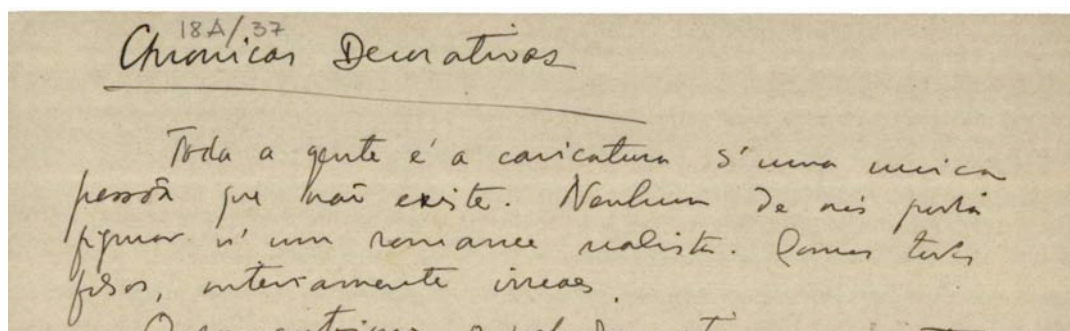


Fig. 1. BNP/E3, 11⁴X-52⁴ (pormenor)

As *Chronicas Decorativas* e as referências biobibliográficas que delas emergem dialogam diretamente com o *Livro do Desassossego*, cujos primeiros textos são de 1913. Por exemplo, sobre a bidimensionalidade do Japão, leia-se num trecho do *Livro*, possivelmente de 1915: “[A] luxuria japoneza de ter evidentemente duas dimensões apenas. [A] existencia a cores sobre transparencias baças das figuras japonezas nas chavenas” (PESSOA, 2013b: 156). À psicologia e à bidimensionalidade do inexistente e do oriental, o autor do *Livro* também dedica esta passagem de

⁷ Existem dois livros de Jean-Marie Guyau na biblioteca particular de Pessoa (CFP, 7-5 e 8-242): *L’art au point de vue sociologique* (1909) e *Vers d’un philosophe* (1900).

cerca de 1913 (desta vez sobre a China): “É possível a certas almas sentir uma dôr profunda por a paisagem pintada n’um abano chinês não ter trez dimensões” (PESSOA, 2013b: 62). Num texto que integra o projeto das *Chronicas Decorativas*, aqui publicado, lemos algo que tem diretamente a ver com esta psicologia do inexistente: “Uma psychologia do inexistente devia ser concisa. Porque teem as figuras pintadas, esculpidas e bordadas sempre o mesmo gesto? Porque estão sempre na mesma attitude? Deve haver uma razão para isso?”. Sobre o decorativismo oriental, lemos ainda no *Livro*: “Nunca me pesou o que de trágico se passasse na China. É decoração longínqua, ainda que a sangue e peste.”. Note-se aqui mais um diálogo textual, entre o *Livro do Desassossego*, as *Chronicas Decorativas* e esta prosa sobre Khayyam, possivelmente da década de 1930: “E todos, até certo ponto assim somos: que nos pesa, ao melhor de nós, um massacre na China? Mais nos doe, ao que de nós mais imagine, a bofetada injusta que vimos dar na rua a uma creança.” (1-4^r; PESSOA, 2008: 77).

Outra ligação indireta ao *Desassossego* é sugerida pelas iniciais de um dos autores fictícios do *Livro*, “V[icente] G[uedes]”,⁸ que substituem o título riscado “Chron[icas] Dec[orativas]”, num texto sobre o escritor português Fialho de Almeida (1857-1911), que aqui reeditamos (14C-8^r; cf. BOTHE, 2013: 113). Este documento está datado “(22-8-1914)”, tal como as *Chronicas Decorativas* sobre a Pérsia e o Japão (92L-77 a 79). Terá este escrito (14C-8^r), inicialmente, feito parte do projeto das *Chronicas Decorativas*? Não sabemos, mas é interessante notar que num outro texto do mesmo ano, ainda sobre Fialho de Almeida, se lê o título “C[hronicas] An[ormaes]” (14C-10^r; in BOTHE, 2013: 114). Provavelmente as “Anormaes” foram um projeto paralelo ao das “Decorativas”, mas também podem ter sido um título prévio das mesmas (cf. 48B-2).⁹ Seja como for, assinalamos ainda que estes projetos de “Chronicas” foram elaborados poucos meses antes da publicação n’*O Jornal* de seis textos de Pessoa, intitulados *Chronicas da vida que passa* (abril de 1915; cf. PESSOA, 2011).

Na véspera da publicação daquela obra-prima do Orientalismo português contemporâneo que é o “Opiario” de Álvaro de Campos (março de 1915), será também pertinente assinalar a proximidade temporal entre a escrita das *Chronicas Decorativas* e a produção do poema futurista-sensacionista “Ode Triumphal” (também de 1915). A este respeito, note-se que na *Chronica* sobre Japão Pessoa ironiza acerca dos conhecimentos das academias europeias sobre o Futurismo (Fig. 2):

⁸ Aparecido por volta de 1909 na escrita de Pessoa, Guedes foi, para além de um dos primeiros autores do *Livro do Desassossego*, o autor de uma prosa ficcional intitulada “A Tortura pela Escuridão”, que apresenta vários temas orientais/orientalistas (cf. PESSOA, 2013a: 331-343).

⁹ Agradecemos ao Jorge Uribe, que nos ajudou a localizar alguns destes documentos.

A ignorancia que o prof. Boro tinha do futurismo foi a unica benzina para a nodoa da sua realidade moderna. Mas ha algum professor de alguma universidade da Europa que siga de perto os movimentos da arte contemporanea?

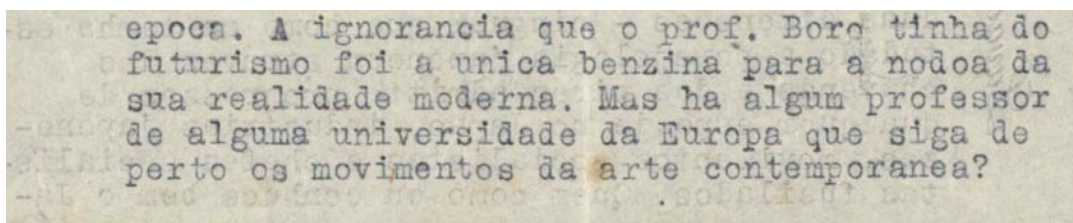


Fig. 2. BNP/E3, 92L-77^r (pormenor)

Antes de finalizarmos esta breve apresentação, não podemos deixar de mencionar a concomitância, em 1914, entre o projeto das *Chronicas Decorativas* e o surgimento do heterónimo Alberto Caeiro (PESSOA, 2016). Uma leitura comparativa entre a obra deste e as *Chronicas* poderá partir das considerações sobre o objetivismo estético que elas apresentam: “O poeta não sonha, não delira, não artificia – parte da realidade por uma visão directa”. Apesar de esta descrição ser passível de ser interpretada como uma descrição daquele objetivismo que caracteriza a poética de Caeiro, note-se que, ao contrário deste, as *Chronicas* defendem uma ideia de realidade obscura e paradoxal. Uma ideia que, não apenas incorpora o inexistente dentro do real, mas assume a realidade como sendo ela própria constituída por entes “falsos, inteiramente irreaes”.

Pela presença de todos estes elementos, e de outros que a crítica pessoana indicou e possa ainda detetar e aprofundar, achamos oportuno que as *Chronicas Decorativas* de Fernando Pessoa continuem a ser valorizadas e estudadas em todo o leque de perspetivas críticas, comparativas, hermenêuticas e biobibliográficas que oferecem. Para tal, ficam aqui apresentados e reunidos aqueles que nos parecem, até à data, os escritos que constituem o núcleo textual básico deste projeto pessoano.

Texto crítico

1 [O Raio]

[12 de setembro de 1914]

Chronicas decorativas

I

A circunstancia humana de eu ter amigos fez com que hontem me acontecesse vir a conhecer o Dr. Boro, professor da Universidade de Tokio. Surpreendeu-me a realidade quasi evidente da sua presença. Nunca supuz que um professor da Universidade de Tokio fosse uma criatura, ou sequer cousa, real.

O Dr. Boro – sinto que me custa doutoral-o¹ – pareceu-me escandalosamente humano e parecido com gente. Vibrou um golpe, que me esforço por desviar de decisivo, nas minhas idéas sobre o que é o Japão. Trajava á europeia, e, como qualquer mero professor existente da Universidade de Lisboa, tinha o casaco por escovar. Ainda assim, por delicadeza, dei-me por sciente, durante duas horas, da sua presença proxima.

Preciso explicar que as minhas idéas do Japão, da sua flora e da fauna, dos seus habitantes humanos e das varias modalidades de vida que lhes são proprias, derivam de um estudo demorado de varios bules e chavenas. Eu por isso sempre julguei que um japonéz ou uma japoneza tivesse apenas duas dimensões; e essa delicadeza para com o espaço deu-me uma affeição doentia por aquele paiz economico de realidade. O professor Boro é sólido, tem sombra – varias vezes fiz com que o meu olhar o verificasse – e além de fallar e fallar inglez, colloca idéas e soluções comprehensíveis dentro das suas palavras. A circunstancia de que as suas idéas não comportam nem novidade nem relevo apenas o aproxima dos professores europeus, pavorosamente europeus, que conheço.

Além d'isto o professor Boro tem movimento, desloca-se, não sei como, de um lado para o outro, o que, feito perante quem sempre teve o Japão por uma nação de quadro, parada e apenas real sobre transparencia de louça, é requintadamente ordinario e desilludidor.

Fallámos de politica internacional, da guerra européa, e fizemos varias incursões pelos varios phenomenos literarios característicos da nossa epoca. A ignorancia que o professor Boro tinha de futurismo foi a unica benzina para a nodoa da sua realidade moderna. Mas ha algum professor de alguma universidade da Europa que siga de perto os movimentos da arte contemporanea?

Dados os factos que venho explicando, comprehende-se que eu fosse avaro de o interrogar sobre o Japão. Para que? Elle era capaz de atirar para dentro da minha ignorância uma quantidade de cousas falsas. Quem sabe se elle se atreveria

a insinuar pela conversa fóra, como cousa normalmente acreditavel, que no Japão ha problemas economicos, difficuldades de vida para varias pessoas, cidades com lojas reaes, campos com colheitas como as nossas, exercitos realmente parecidos com os da Europa e com execraveis aperfeiçoamentos scientificos para guerras em verdade contemporaneas? D'aqui elle não hesitaria talvez em me afirmar – com que cynismo nem eu meço – que no Japão os homens teem relações sexuaes com as mulheres, que nascem creanças, que a gente de lá, em vez de estar sempre vestida como as figuras da louça japoneza, despe-se e veste-se como se fosse européa. Por isso não tratámos do Japão. Perguntei ao professor se ele tinha tido uma boa viagem, e elle cahiu em dizer-me que não – como se um estudioso como eu da porcelana nipponica podesse admittir que ha más viagens para os japonezes, que – delicioso povo! – nem sequer se dá ao trabalho de existir. As chavenas partem-se, não comportam tormentas. A frase «uma tempestade n'um copo de agua» ou «n'uma chavena», como dizem outros, é puramente européa.

Uma frase houve (casual, quero crêr, no professor Boro) que me maguou mais do que outra.

Fallavamos – eu, é claro, com o desprendimento com que se tratam estes assumptos feericos – da influencia dos mecanismos sobre a psychologia [p. 8] do operario, quando se sabe – claro está – que o operario não tem psychologia. E o professor referiu-se aos progressos industriaes do Japão e accrescentou umas palavras, que me esforcei com metade de exito para não ouvir, sobre (creio) movimentos operarios no Japão e um fusilamento (suponho) de não sei que chefe socialista. Eu ha tempos – n'uma columna sem duvida humoristica de um diario – vira em um telegramma de Tokio constando qualquer cousa n'esse tom; mas, além de não crer que de Tokio se mandasse telegrammas – visto Tokio não ter mais do que duas dimensões –, ninguem que como eu tenha estudado a psychologia japoneza atravez das chavenas e dos pires, admite progressos de qualquer especie no Japão, industrias japonezas, movimentos socialistas e chefes socialistas, ainda por cima fusilados, como quaesquer europeus que vivem. Quem como eu conhece bem o Japão – o verdadeiro Japão, de porcelana e erros de desenho – comprehende bem a incompatibilidade entre o progresso, industria e socialismo, e a absoluta não existência d'aquelle paiz. Socialistas japonezes! uma contradicção flagrante, uma phrase sem sentido, como «circulo quadrado»! Se nem o inexistente estivesse livre do socialismo! Aquellas figuras deliciosas, eternamente sentadas ao pé de casas do tamanho d'ellas, á beira de lagos absurdos, de um azul impossivel, áquem de montanhas totalmente irreaes – essas maravilhosas figuras, com uma perfeita e patriotica individualidade japoneza, não pertencem decerto ao horroroso mundo onde se progride, e onde sobre o artista desabam a morbidez do productivo e a barbarie do humanitario.

E vem querer tirar-me estas convicções o professor Boro, da Universidade de Tokio! Não m'as tira. Não é para ser enganado pela primeira realidade que se

me atira aos olhos que eu tenho gasto minutos distensos na contemplação científica e esteril de bules e chavenas japonezas. O mais provavel, a respeito deste Boro, é que nascesse em Lisboa e se chame José. Do Japão, elle? Nunca.

Se ao menos achei japoneza a sua cara? Absolutamente nada. Basta dizer que era real e existiu alli diante de mim, duas dolorosas horas, em plena occupação inesthetica de todas as dimensões aproveitaveis (felizmente só trez) do espaço authenticico. A sua cara parecia se², é certo, com certas photographias de «japonezes» que as illustrações trouxeram ha annos, e de vez em quando reincidindo trazem; mas toda a gente que sabe o que é o Japão por nunca lá ter ido, sabe de cór que aquillo não são japonezes. E, de mais a mais, essas illustrações eram principalmente de generaes, almirantes, e operações guerreiras. Ora é absolutamente impossivel que no Japão haja generaes, almirantes e guerra. Como, de resto, photographar o Japão e os japonezes? A primeira cousa real que ha no Japão é o facto de elle estar sempre longe de nós, estejamos nós onde estivermos. Não se póde lá ir, nem elles podem vir até nós. Concedo, se me forçarem a isso, que existam um Tokio e um Yocohama. Mas isso não é no Japão, é apenas no Extremo Oriente.

O resto da minha vida, doravante, será escrupulosamente dedicado a esquecer o professor Boro e que elle – impronunciável absurdo! – se sentou na cadeira que está agora, na realidade de madeira, defronte de mim. Considero doentio esse facto, hallucinatorio talvez, e entrego-me com assiduidade a não me lembrar d'elle mais. Um japonez³ verdadeiro aqui, a fallar comigo, a dizer-me cousas que nem mesmo eram falsas ou contradictorias! Não. Ele chama-se José e é de Lisboa. Fallo symbolicamente, é claro. Porque ele pode chamar-se Macwhisky e ser de Inverness. O que elle não era decerto era japonez, real, e possivel visitante de Lisboa. Isso nunca. D'esse modo não havia sciencia, se o primeiro occasional nos viesse negar o que os nossos estudos assiduos nos fizerem ver.

Professor Boro, da Universidade de Tokio? De Tokio? Universidade de Tokio? Nada d'isso existe. Isso é uma illusão. Os inferiores e cabulas de nós construíram, para se não desorientarem, um Japão á imagem e semelhança da Europa, d'esta triste Europa tão excessivamente real. Sonhadores! Hallucinados!

Basta-me olhar para aquella bandeja. pegar cariciosamente com o olhar naquelle serviço de chá. Depois venham fallar-me em Japão existente, em Japão comercial[,] em Japão guerreiro! Não é para nada que, atravez de esforços consecutivos, a nossa epoca ganhou o duro nome de scientifica. Japonezes com vida real, com trez dimensões, com uma patria com paysagens de cores authenticas! Lerias para entretenimento do povo, mas que a quem estudou não enganam...

Fernando Pessoa

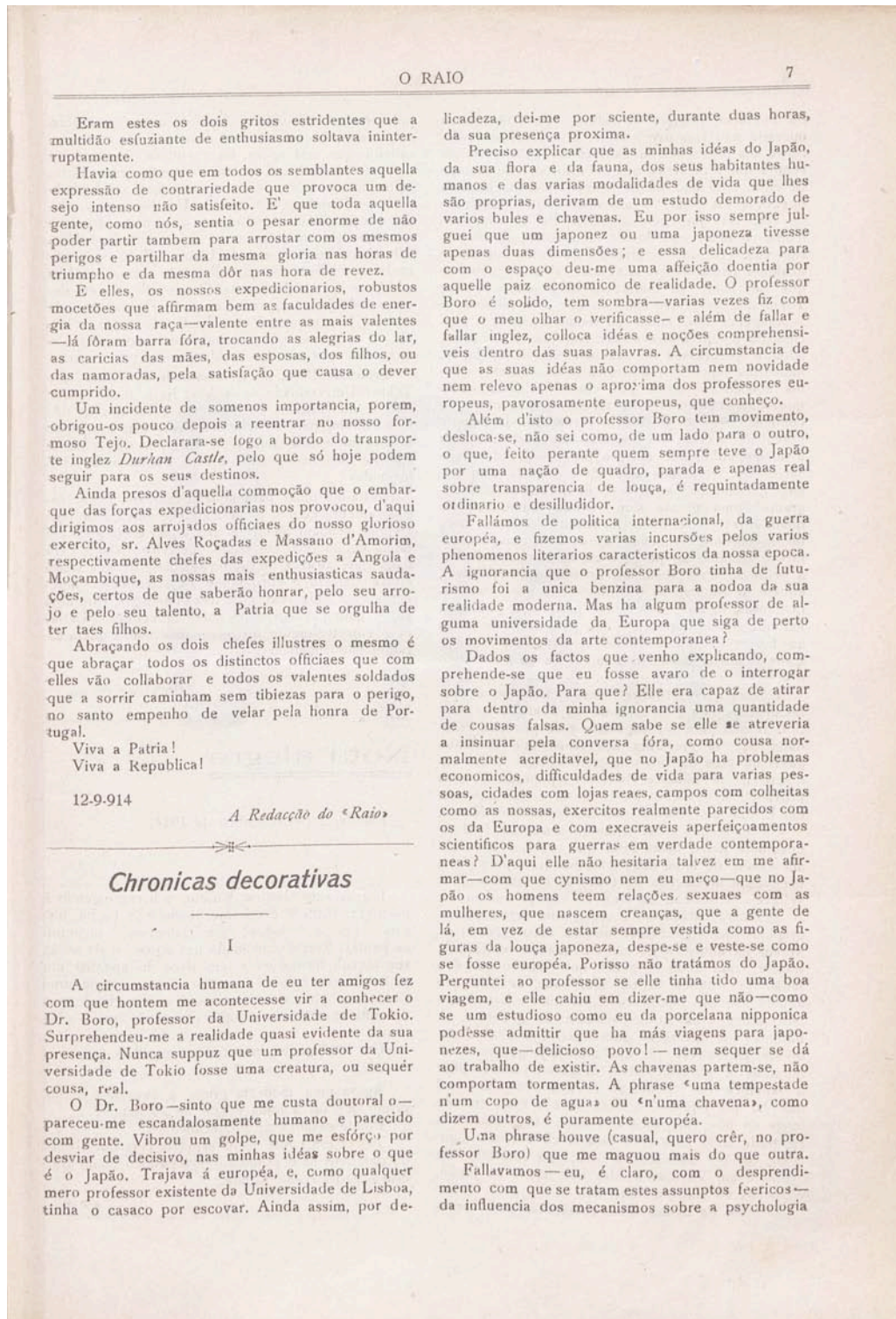


Fig. 3. F. Pessoa, "Chronicas decorativas: I", in *O Raio*, n.º 12 (1914), p. 7

do operario, quando se sabe—claro está—que o operario não tem psychologia. E o professor referiu-se aos progressos industriaes do Japão e accrescentou umas palavras, que me esforcei com metade de exito para não ouvir, sobre (creio) movimentos operarios no Japão e um fusilamento (supponho) de não sei que chefe socialista. Eu ha tempos—n'uma columna sem duvida humoristica de um diario—vira em um telegramma de Tokio constando qualquer cousa n'esse tom; mas, além de não crer que de Tokio se mandasse telegrammas—visto Tokio não dever ter mais do que duas dimensões—, ninguém que como eu tenha estudado a psychologia japoneza atravez das chavenas e dos pires, admite progressos de qualquer especie no Japão, industrias japonezas, movimentos socialistas e chefes socialistas, ainda por cima fusilados, como quaesquer europeus que vivem. Quem como eu conhece bem o Japão—o verdadeiro Japão, de porcelana e erros de desenho—compreheende bem a incompatibilidade entre o progresso, industria e socialismo, e a absoluta não-existencia d'aquelle paiz. Socialistas japonezes! uma contradicção flagrante! uma phrase sem sentido, como «circulo quadrado»! Se nem o inexistente estivesse livre do socialismo! Aquellas figuras deliciosas, eternamente sentadas ao pé de casas do tamanho d'ellas, á beira de lagos absurdos, de um azul impossivel, áquem de montanhas totalmente irreaes—essas maravilhosas figuras, com uma perfeita e patriótica individualidade japoneza, não pertencem de certo ao horroroso mundo onde se progride, e onde sobre o artista desabam a morbidez do productivo e a barbarie do humanitario.

E vem querer tirar-me estas convicções o professor Boro, da Universidade de Tokio! Não m'as tira. Não é para ser enganado pela primeira realidade que se me atira aos olhos que eu tenho gasto minutos distensos na contemplação scientifica e esteril de bules e chavenas japonezas. O mais provavel, a respeito d'este Boro, é que nascesse em Lisboa e se chame José. Do Japão, elle? Nunca.

Se ao menos achei japoneza a sua cara? Absolutamente nada. Basta dizer que era real e existiu alli deante de mim, duas dolorosas horas, em plena occupação inesthetica de todas as dimensões aproveitaveis (felizmente só trez) do espaço authentico. A sua cara parecia se, é certo, com certas photographias de «japonezes» que as illustrações trouxeram ha annos, e de vez em quando reincidindo trazem; mas toda a gente que sabe o que é o Japão por nunca lá ter ido, sabe de cór que aquillo não são japonezes. E, de mais a mais, essas illustrações eram principalmente de generaes, almirantes, e operações guerreiras. Ora é absolutamente impossivel que no Japão haja generaes, almirantes e guerra. Como, de resto, photographar o Japão e os japonezes? A primeira cousa real que ha no Japão é o facto de elle estar sempre longe de nós, estejamos nós onde estivermos. Não se póde lá ir, nem elles podem vir até nós. Concedo, se me forcarem a isso, que existam um Tokio e um Yocohama. Mas isso não é no Japão, é apenas no Extremo Oriente.

O resto da minha vida, doravante, será escri-

pulosamente dedicado a esquecer o professor Boro e que elle—impronunciavel absurdo!—se sentou na cadeira que está agora, na realidade de madeira defronte de mim. Considero doentio esse facto, hallucinatorio talvez, e entrego-me com assiduidade a não me lembrar d'elle mais. Um joponez verdadeiro aqui, a fallar commigo, a dizer-me cousas que nem mesmo eram falsas ou contradictorias! Não. Elle chama-se José e é de Lisboa. Fallo symbolicamente, é claro. Porque elle pode chamar-se Macwhisky e ser de Inverness. O que elle não era de certo era japonez, real, e possivel visitante de Lisboa. Isso nunca. D'esse modo não havia sciencia, se o primeiro occasional nos viesse negar o que os nossos estudos assíduos nos fizeram ver.

Professor Boro, da Universidade de Tokio? De Tokio? Universidade de Tokio? Nada d'isso existe. Isso é uma illusão. Os inferiores e cabulas de nós construíram, para se não desorientarem, um Japão á imagem e semelhança da Europa, d'esta triste Europa tão excessivamente real. Sonhadores! Hallucinados!

Basta-me olhar para aquella bandeja. pegar cariciosamente com o olhar n'aquelle serviço de chá. Depois venham fallar-me em Japão existente, em Japão commercial em Japão guerreiro! Não é para nada que, atravez de esforços consecutivos, a nossa epoca ganhou o duro nome de scientifica. Japonezes com vida real, com trez dimensões, com uma patria com paysagens de cores authenticas! Lerias para entretenimento do povo, mas que a quem estudou não enganam...

Fernando Pessoa

Nota alegre

Lisboa, 2 de Setembro de 1914.

Foi ha sete seculos. Viriato, o heroe ingenuo e portugez, felpudo e enérme, cofiava a barba hirsuta com os dedos; um talentoso, inventou os pentes. Narciso, inclinado nas aguas, revia-se na sua juvenil formosura e em risco de apanhar um resfriamento com que se lhe desenvolvesse uma Constantinopla e lhe sobreviessem seis medicos, nem de noite abandonava o logar encantado que o obsceava.

Um intelligente, inventou os espelhos.

Agora uma modesta prima o que dará a um primo que faz a linda idade de 29 annos?

Edade casadoura? Edade media?

Talvez um pente e um espelho, com um abraço de parabens se o primo for sympathico como Narciso e audaz como Viriato.

Fig. 4. F. Pessoa, "Chronicas decorativas: I", in *O Raio*, n.º 12 (1914) p. 8

2 [92L-77^r a 78^v]

[22 de agosto de 1914]

O professor Boro¹, da Universidade de Tokio, visitou-me hontem. Suprehendeu-me a realidade evidente da sua presença. Eu nunca suppuz que um professor da Universidade de Tokio fosse uma cousa real.

O Dr. Boro – o que me custa doutora-lo! – pareceu-me² escandalosamente humano e normal. Vibrou um golpe, que me esforço por desviar de decisivo, nas³ minhas idéas sobre o que é o Japão. Trajava á européa, e, como qualquer professor da Universidade⁴ de Lisboa, tinha deixado⁵ o casaco por escovar. Ainda assim, por delicadeza, dei-me por sciente, durante duas horas, da sua presença proxima.

Preciso explicar que as minhas idéas do Japão, da sua flora e da sua fauna, dos seus habitantes humanos e das varias modalidades⁶ de vida que lhes são proprias, derivam d’um estudo demorado de⁷ varios⁸ bules e chavenas. Eu porisso sempre julguei que um japonez ou uma japoneza tivesse apenas duas dimensões; e essa delicadeza para com o espaço deu-me uma affeição doentia por aquelle paiz economico de realidade. O professor Boro é solido, tem sombra – verifiquei-o varias vezes – e, além⁹ de fallar e fallar inglez, mette idéas e noções comprehensíveis dentro das suas palavras. A circumstancia de que elle falla um inglez duvidoso e de que as suas idéas não comportam nem novidade nem relevo, apenas o approxima dos professores europeus que conheço, inglezes alguns d’elles.

Além disto, o professor Boro anda de um lado para o outro, o que, para quem teve o Japão sempre por uma nação de quadro, parada e apenas real sobre transparencias de louça, é requintadamente ordinario e desilludidor.

Fallámos de politica internacional, sobre a guerra européa e fizemos varias incursões pelos phenomenos¹⁰ literarios caracteristicos da nossa epoca. A ignorancia que o prof. Boro tinha do futurismo foi a unica benzina para a nodoa da sua realidade moderna. Mas ha algum professor de alguma universidade da Europa que siga de perto os movimentos da arte contemporanea?

[77^v] Dados os factos que já expliquei comprehende-se¹¹ que eu fosse avaro de o interrogar sobre o Japão. Para quê? Elle era capaz de me dizer uma quantidade de cousas falsas – quem sabe se elle se atreveria a explicar-me que no Japão ha problemas economicos, difficuldades¹² de vida para varias pessoas, cidades com lojas reaes, campos com colheitas como as nossas, exercitos realmente parecidos com os da Europa com execráveis aperfeiçoamentos armados para guerras em verdade contemporaneas? D’aqui elle não hesitaria talvez em me affirmar – com que cynismo nem eu meço – que no Japão os homens teem relações sexuaes com mulheres, que nascem creanças, que a gente de lá, em vez de estar sempre vestida como as figuras da louça¹³ japoneza, despe-se e veste-se como se fosse européa. Porisso não tratámos do Japão. Perguntei ao professor se elle tinha tido uma boa viagem, e elle cahiu em dizer-me que não – como se um estudioso como eu da

porcelana nipponica¹⁴ pudesse admittir que ha más viagens para japonezes. As chavenas partem-se, não comportam tormentas. A phrase “uma tempestade¹⁵ n’um¹⁶ copo d’agua” ou “n’uma chavena”, como dizem outros, é puramente européa.

Uma phrase houve, casual no professor Boro (nós fallavamos da influencia dos machinismos sobre a psychologia¹⁷ do operario europeu) que me maguou. O professor referiu-se aos progressos industriaes do Japão e acrescentou umas palavras que me esforcei com exito por não ouvir sobre (creio) movimentos operarios no Japão e fusilamento (supponho) de chefe ou chefes socialistas. Eu ha tempos vira um telegramma n’esse sentido de Tokio, mas, além de não crer que de Tokio se mandassem telegrammas – por Tokio não dever ter mais do que duas dimensões – ninguem que como eu tenha estudado a psychologia¹⁸ japoneza atravez das chavenas e dos pires admite progressos de qualquér especie no Japão, industrias japonezas, movimentos socialistas e chefes socialistas fusilados. Quem como eu conhece bem [78:] o verdadeiro Japão¹⁹ – de porcelana e erros de desenho – comprehende bem a incompatibilidade entre o progresso, a industria e o socialismo, e a absoluta não-existencia d’aquelle paiz. Socialistas japonezes! Uma²⁰ contradicção flagrante! Aquellas figuras deliciosas, eternamente sentadas ao pé de casa do tamanho d’ellas, á beira dos lagos absurdos, de um azul impossivel, aquém de montanhas totalmente irreaes – essas maravilhosas figuras, com uma perfeita e patriotica individualidade²¹ japoneza não pertencem decerto ao horroroso mundo dos progressos, das industrias e dos abominaveis sentimentos humanitarios.

E vem querer tira-me estas convicções o professor Boro (realidade) da Universidade de Tokio! Não m’as tira. Não é para ser enganado pela primeira realidade²² que se nos atira aos olhos que eu tenho gasto minutos a fio na contemplação scientifica²³ e esteril de bules e de chavenas japonezas. Se calhar este Boro nasceu no Cabeço de Montachique e chama-se Francisco. Do Japão, elle? Nunca.

Se achei japoneza a sua cara? Absolutamente nada. Trez dimensões n’ella, já o disse. E real, absolutamente real, fallando como toda a gente. Parecia-se é certo com certas photographias de “japonezes” que as illustrações trouxeram ha annos, e de vez em quando reincidindo trazem, mas²⁴ toda a gente que conhece o Japão por nunca lá ter ido sabe de cór que aquillo não são japonezes. E, de mais a mais, essas illustrações eram principalmente de generaes, almirantes e operações guerreiras. Ora é absolutamente impossivel que no Japão haja generaes, almirantes e guerra. Como, de resto, photographar o Japão e os japonezes? A²⁵ primeira cousa real que ha no Japão²⁶ é o facto de elle estar sempre longe de nós. Não se pode lá ir, nem elles podem cá vir. Concedo que exista um Tokio e um Yokohama. Mas isso não é no Japão, é apenas no Extremo Oriente.

O resto da minha vida, d’oravante, será escrupolosamente dedicado a esquecer que vi o professor Boro e que elle – incrivel absurdo!²⁷ – se sentou na

cadeira que está agora, em toda a sua realidade de madeira, defronte de mim. Considero immoral esse facto, hallucinatorio provavelmente, e entrego-me com assiduidade a não me lembrar d'elle mais. Um japonez verdadeiro aqui, a fallar commigo, a dizer-me cousas que nem mesmo eram nem falsas nem contradictorias! Não. Elle chamava-se Francisco e devia ser de Cabeço de Montachique. Fallo simbolicamente, é claro. Porque elle [78^v] podia bem chamar-se McWhisky e ser de Inverness. O que elle não era decerto era japonez, real e possivel visitante de Lisboa. Isso nunca. D'esse modo não havia sciencia, se o primeiro não quidam mas quodam nos viesse negar o que os nossos estudos assiduos não fizeram crêr.

Professor Boro, da Universidade de Tokio. De Tokio? Universidade²⁸ de Tokio? Nada d'isso existe. Isso é uma illusão. Os inferiores e cabulas de nós construíram um Japão á imagem e semelhança da Europa, e falam d'elle como se existisse. Sonhadores! Hallucinados!

Basta-me olhar para aquella bandeja, tomar no olhar cariciosamente aquelle serviço de chá. Depois venham cá fallar-me em Japão existente, em Japão commercial, em Japão guerreiro! Não²⁹ é para nada que, atravez de³⁰ esforços consecutivos, a nossa epoca ganhou o duro nome de scientifica. Japonezes com vida real, com trez dimensões, com uma patria com paysagens de côres authenticas! Lerias para entretenimento do povo, que a quem estudou não enganam.

92L-77

22/8/1914

1 7

O professor Boro, da Universidade de Tokio, visitou-me hontem. Surprehendeu-me a realidade evidente da sua presença. Eu nunca supuz que um professor da Universidade de Tokio fosse uma cousa real.

O Dr. Boro - o que me custa doutora-lo! =
 Apareceu-me escandalosamente humano e normal. Vibrou um golpe, que me esforço por desviar de decisivo, nas minhas idéas sobre o que é o Japão. Trajava á européa, e, como qualquer professor da Universidad de Lisboa, tinha deixado o casaco por escovar. Ainda assim, por delicadeza, dei-me por sciente, durante duas horas, da sua presença proxima.

Preciso explicar que as minhas idéas do Japão, da sua flora e da sua fauna, dos seus habitantes humanos e das varias modalidades de vida que lhes são proprias, derivam d'um estudo demorado de varios bules e chavenas. Eu porisso sempre julguei que um japonéz ou uma japoneza tivesse apenas duas dimensões; e essa delicadeza para com o espaço deu-me uma afeição doentia por aquelle paiz economico de realidade. O professor Boro é solido, tem sombra - verifiquei-o varias vezes - e, ~~graxalém~~ de fallar e fallar inglez, mette idéas e noções comprehensíveis dentro das suas palavras. A circumstancia de que elle falla um inglez duvidoso e de nome que as suas idéas não comportam nem novidade nem relevo, apenas o approxima dos professores europeus que conheço, inglezes alguns d'elles.

Alem disto, o professor Boro anda de um lado para o outro, o que, para quem teve o Japão sempre por uma nação de quadro, paráda e apenas real sobre transparencias de louça, é requintadamente ordinario e desilludidor.

Fallámos de politica internacional, sobre a guerra européa e fizemos varias incursões pelos phenomenos literarios caracteristicos da nossa epoca. A ignorancia que o prof. Boro tinha do futurismo foi a unica benzina para a noção da sua realidade moderna. Mas ha algum professor de alguma universidade da Europa que siga de perto os movimentos da arte contemporanea?

Fig. 5. BNP/E3, 92L-77

2

991 Dados os factos que já expliquei comprehende-se que eu fosse avaro de o interrogar sobre o Japão. Para quê? Elle era capaz de me dizer uma quantidade de cousas falsas - quem sabe se elle se atreveria a explicar-me que no Japão ha problemas economicos, difficuldades de vida para varias pessoas, cidades com lojas reaes, campos com colheitas como as nossas, exercitos realmente parecidos com os da Europa com execraveis aperfeiçoamentos armados para guerras em verdade contemporaneas? D'aqui elle não hesitaria talvez em me affirmar - com que cynismo nem eu meço - que no Japão os homens teem relações sexuaes com mulheres, que nascem crianças, que a gente lá, em vez de estar sempre vestida como as figuras da lousa japoneza, despe-se e veste como se fosse europeá. Porisso não tratá-los do Japão. Perguntei ao professor se elle tinha tido uma boa viagem, e elle cahiu em dizer-me que não - como se um estudioso como eu da porcelana, nipponica pudesse admittir que ha más viagens para japonezes. As chavenas partem-se, não comportam tormentas. A phrase "uma tempestada n'um copo d'agua" ou "n'uma chavena", como dizem outros, é puramente europeá.

Uma phrase houve, casual no professor Boro (nós fallavamos da influencia dos machinismos sobre a psychologia do operario europeu) que me maguou. O professor referiu-se aos progressos industriaes do Japão e acrescentou umas palavras que me esforcei com exito por não ouvir sobre (creio) movimentos operarios no Japão e fusilamento (supponho) de chefes ou chefes socialistas. Eu ha tempos vira um telegramma n'esse sentido de Tokio, mas, além do não crer que de Tokio se mandassem telegrammas - por Tokio não dever ter mais do que duas dimensões - ninguem que como eu tenha estudado a psychologia japoneza atravez das chavenas e dos pires admitta progressos de qualquer especie no Japão, industrias japonezas, movimentos socialistas e chefes socialistas fusilados. Quem como eu conhece bem o Ja-

Lavado, Pinto & C. L.

DA PRATA, 267
 LISBON PORTUGAL
 COFFEE
 COFFEE

Fig. 6. BNP/E3, 92L-77v

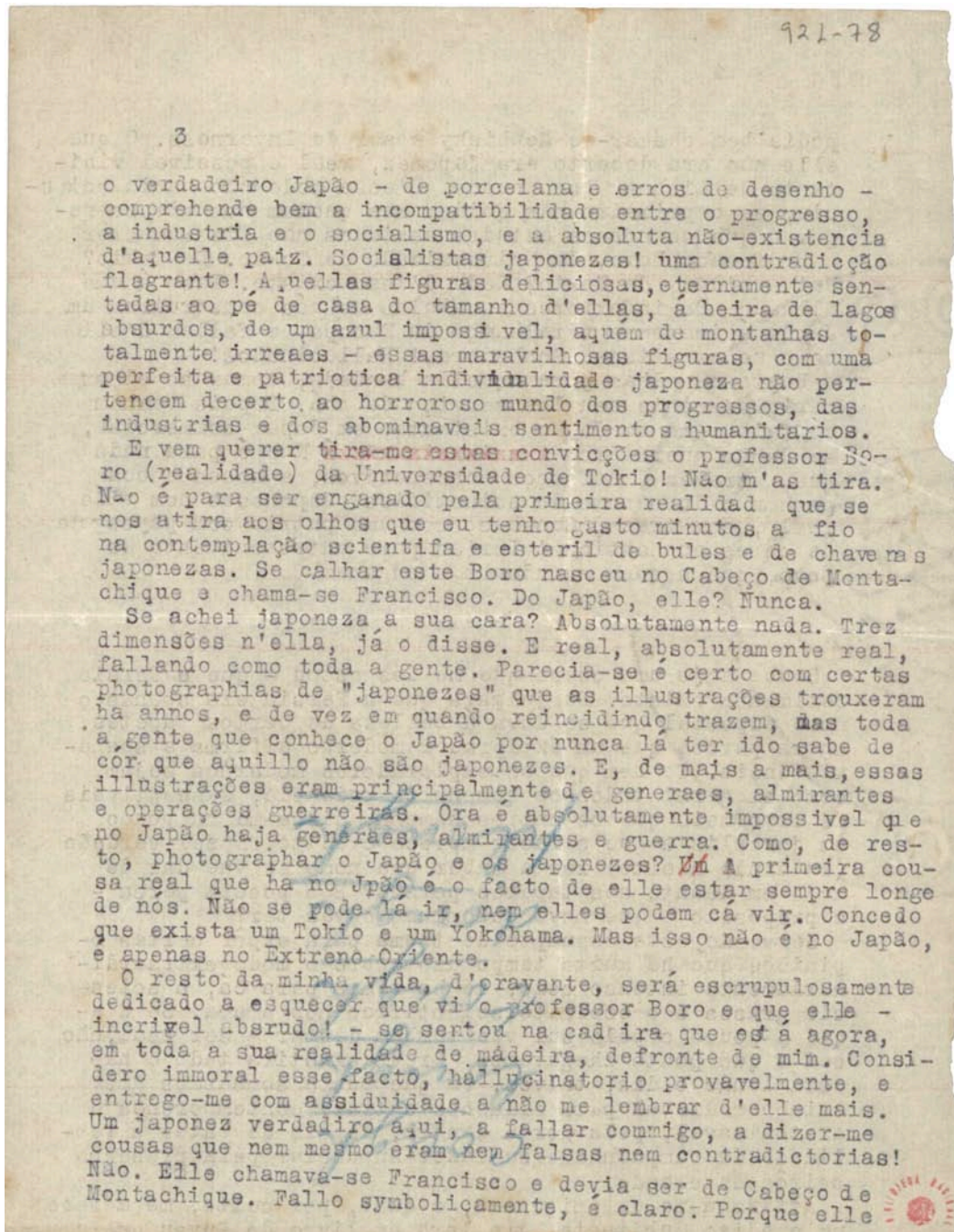


Fig. 7. BNP/E3, 92L-78r

podia bem chamar-se McWhisky e ser de Inverness. O que elle não era decerto era japonéz, real e possível visitante de Lisboa. Isso nunca. D'esse modo não havia sciencia, se o primeiro não quidam mas quodam nos viesse negar o que os nossos estudos assíduos não fizeram crêr.

Professor Boro, da Universidade de Tokio. De Tokio? Universidad de Tokio? Nada d'isso existe. Isso é uma illusão. Os inferiores e cabulas de nós construíram um Japão à imagem e semelhança da Europa, e fallam d'elb como se existisse. Sonhadores! Hallucinados!

Basta-me olhar para aquella bandeja, tomar no olhar cariciosamente aquelle serviço de chá. Depois venham cá fallar-me em Japão existente, em Japão commercial, em Japão guerreiro! ~~xxxxxxx~~ Não é para nada que, através d' esforços consecutivos, a nossa época ganhou o duro nome de scientifica. Japonezes com vida real, com trez dimensões, com uma patria com paisagens de côres authenticas! Lerias para entretenimento do povo, que a quem estudou não enganam.

Scube hoje uma cousa que me desgostou - que a Persia realmente existe. Eu julgava que a Persia era apenas o nome especial que se dava à belleza de certos tapetes. Agora parece que um explorador moderno affirma a sua existencia. Se bem que os exploradores modernos sejam, como em geral todos os homens de sciencia, susceptiveis de erro mais que os outros homens, disse-me ha pouco um jornalista que o facto merece credito. A ser verdade (eu ainda hesito) resta saber que nome se vae dar de hoje em diante aos tapetes persas? E a poesia persa - a proposito - que nova debominação vae ter?

Serve-me este assumpto de thema para expôr certas opiniões que ha muito tempo uso sobre o modo extraordinariamente intenso como, de ha tempo para cá, a sciencia grassa e o espirito scientifico nos ataca. Se d'aqui a pouco o polo sul vae tambem desstar a ser real, não sei a que ponto chegaremos. Breve existirá tudo e não está longe o dia, talvez, em que basta sonharmos uma rainha medieval para ella nos entrar, contemporânea e anatomisavel, pela porta dentro, depois de bater à realidade da campanha e se fazer anunciar pela presença beirôa da creada.

Affirmou-me um amigo meu, o qual, por culto, me merece um credito dubitante, que lêra em livro de Guvau que um

Fig. 8. BNP/E3, 92L-78v

92L-79

5

Keats brindára cousas más para a memoria de Newton porque elle fiz a qualquer coisa como descobrir leis que tinham que ver com os astros. Se ponho certo vago na minha descripção porque não tenho a minima idea do que Newton fez ou descobriu. O facto, agora, é o brinde de Keats. Esse brinde contém uma intuição justa. A applicação é que é pessima. Não fez mal a ninguém descobrir as leis dos astros. Elles sempre fôram visiveis. É a sua boa qualidade de serem longinquos, não lh'atirou a descoberta de Newton, fosse ella qual fosse; e, de mais a mais, essa descoberta, sendo mathematica e portanto totalmente com feição de falsa, fez, do mal inevitavel, o menos possível.

Desviei-me um paragrapho do assumpto, para poder ver bem o que me convinha ter sempre pensado d'elle. Estou agora de posse da idea de que sempre concordei com a essencia do brinde de Keats. É necessario, pondo o problema no campo politico e social (aqui vem a minha originalidade), estudar como se deve cohibir e disciplinar utilmente a acção da investigação, da exploração e da sciencia em geral.

Que a existencia de laboratorios seja uma mancha sobre a nossa civilização - ninguém de animo firme o nega, ou tambem que as perigosas facilidades dadas ao transitio por terras secularmente entregues a tradicional actividade dos salteadores, e mares áonde o caracter revolucionario da civilização moderna baniu a instituição dos piratas, seja um dos mais licenciosos resultados da Revolução Franceza e do espirito anarchista em geral. Mas, em logar de se attentar para estas deficiencias de disciplina e de ordem que repugnem tanto ao espirito positivo como ao seu critério expresso na maxima de eo qua generantur conservantur, e o exagerado amor ao sensacionalismo da vida moderna, e a doctia tendencia para acreditar nas informações dos jornaes sem favorecido, sem que alguém pense em as dever evitar, o desenvolvimento do espirito scientifico.

Por ora as consequencias da fraqueza das instituições democraticas tem sido pouco notadas. Salvo o facto - contestavel, da resto, manda a verdade que se diga - da descoberta do polo norte, e agora este, recentissimo, da affirmação da existencia da Persia, poucas tem sido as consequencias notaveis. Mas se repararmos o que esses dois factos já por si representam, de choife nos occorrerá qual o perigo crescente e assolapado que nos confronta já e brave, visivel e inevitavel, se erguerá deante de nós.

Urge para já a constituição de uma Liga Anti-Scientifica onde se defendam os impreteriveis direitos que as terras desconhecidas tem de permanecer desconhecidas, e os paizes inexistentes de não serem de dia para o outro violada a sua neutralidade e forçados a entrar nas campanhas da realidade. Nem se pode dizer que isto esteja fora dos bons principios liberaes. O partido liberal inglez-partido representativo, não é do que nenhum do liberalismo - teve, quasi sempre por doutrina (salvo, e

Fig. 9. BNP/E3, 92L-79

6

claro, nos casos de utilidade nacional) por inviolavel a vida e institui-
 ções dos outros países. E ao mesmo tempo esta doutrina e a sua pura at-
 titude conservadora, dado que o que se pretende defender e a Tradição, a
 Ordem, a Disciplina Social.

Na nossa politica tem-se visto recentemente o resultado d'esta t-
 ctica revolucionaria. Um grupo de dementados tem recentemente insistido
 pela implantação da monarchia no nosso paiz. Attentam assim, de animo
 leve, contra o caracter tradicional da monarchia, que e o de existir
 bellamente e entusiastamente - e isso só se pode dar estando elle
 sempre no passado e porisso acima das paixões e das fluctuações do sen-
 timentalismo humano. E attentam contra o sagrado principio da Tradição,
 que exige e sempre exigiu que a Tradição ficasse no passado, sem que o
 presente lhe tocasse ou a attingisse, servindo-se d'ella.

E desolador este estado de coisas. Ninguem pensa para onde vae, o
 que sera o dia de amanhã. Para alguns elle deve ser hontem. Assim passa,
 entre duvidas e tedios, os nossos tristes e cansados dias.

Impõe-se uma reacção energica e disciplinada. Por toda a parte o
 espirito revolucionario e o excessó de espirito scientifico - ou, melho,
 o espirito scientifico indisciplinado - pretendem avassalar a realidade.
 Hontem foi o polo norte declarado descoberto. Todo o conservador estre-
 meceu. Hoje e a Persia declarada existente. Todo aquelle para quem a Tra-
 dição representa mais alguma cousa de que um nome, sentiu as lagrimas
 chegarem-lhe aos olhos. Não pesou nada na balança dos escrupulos dos
 cientistas que a belleza dos poemas de um Hafiz, de um Omar Khayyam,
 de um Omar Khayyam. Foi em vão que estes grandes nomes do Passado tornaram
 grande e irreal e falsa a sua Patria. Nada é sagrado para os demagogos
 de hoje. Exixis que mias pretendem? quanto mais vão ousar? Só lhes fali-
 provar que Christo foi uma realidade, que existiu o Imperio Romano, que
 as luctas politicas da Grecia tiveram logar realmente. Que mais querem,
 os novos barbaros?

Este grito é, bem o sei, lançado aos ventos. Nenhuma Liga anti-
 Cientifica se formará. Ninguem será soar a sua voz de acordo com a
 minha contra a invasão d'estes desintejadores da sociedade. Ficará
 tudo entregue aos "progressos" do espirito "scientifico". Hoje não po-
 demos ter tapetes persas. Já tinhamos perdido as paisagens polares. A-
 manhã irão as sedas da China, as cutelarias do velho Japão. Assim pe-
 gressivamente escassearão as subsistencias e dentro, em breve, absorvi-
 dos pela animalidade, ver-nos-hemos obrigados a viver na terra como
 qualquer animal, a ter saude como qualquer larva, a acreditar na via
 como uma patagonia ou um cherokee.

que o Sabio que d'aqui a dez mil annos estudar a nossa civiliza-
 ção extincta, applicando-se a época da decadencia, possa, lendo estas
 linhas de um homem amante da Tradição e da Ordem, verificar que nem
 todos foram No-Nós se deixarem ir na mara, que uma voz houve que se
 ergueu no meio da escuridão da desobedição universal.

Fig. 10. BNP/E3, 92L-79v

3 [92L-78^v a 79^v]

[22 de agosto de 1914]

Soube hoje uma cousa que me desgostou – que a¹ Persia realmente existe. Eu julgava que a Persia era apenas o nome especial que se dava á belleza de certos tapetes. Agora parece que um explorador moderno affirma a sua existencia. Se bem que os exploradores modernos sejam, como em geral todos os homens de sciencia, susceptiveis de erro mais que os outros homens, disse-me ha pouco um jornalista que o facto merece credito. A ser verdade (eu ainda hesito) resta saber que nome se vae dar de hoje em diante aos tapetes persas.² E a poesia persa – a proposito – que nova denominação³ vae ter?

Serve-me este assumpto de thema para expôr certas opiniões que ha muito tempo uso sobre o modo extraordinariamente intenso como, de ha tempo para cá, a sciencia grassa e o espirito scientifico nos ataca. Se d'aqui a pouco o polo sul vae tambem desatar a ser real, não sei a que ponto chegaremos. Breve existirá tudo e não está longe o dia, talvez, em que basta sonharmos uma rainha medieval para ella nos entrar, contemporanea e anatomisavel, pela porta dentro, depois de bater á realidade da campainha e se fazer anunciar pela presença beirôa da creada.

Affirmou-me um amigo meu, o qual, por culto, me merece um credito⁴ dubitante, que lêra em livro de Guyau^a que um [79^v] Keats brindára cousas más para a memoria de Newton porque elle fizera qualquér cousa como descobrir leis que tinham que vêr com astros. Se ponho certo vago na minha descripção é porque⁵ não tenho a minima idéa do que Newton fez ou descobriu. O facto, agora, é o brinde de Keats. Esse brinde contém uma intuição justa. A applicação é que é pessima. Não fez mal a ninguem descobrir as leis dos astros. Elles sempre fôram visiveis. E⁶ a sua boa qualidade de serem longinquos, não lh'atirou a descoberta de Newton, fosse ella qual fosse; e, de mais a mais, essa descoberta, sendo mathematica e portanto totalmente com feição de falsa, fez, do mal inevitavel, o menos possivel.

Desviei-me um paragrapho do assumpto, para poder ver bem o que me convinha ter sempre pensado d'elle. Estou agora de posse da idéa de que sempre concordei com a essencia do brinde de Keats. É necessario, pondo o problema no campo politico e social (aqui vem a minha originalidade), estudar como se deve cohibir e disciplinar utilmente a acção da investigação, da exploração e da sciencia em geral.

Que a existencia de laboratorios seja uma mancha sobre a nossa civilização – ninguem de animo firme o nega, ou tambem que as perigosas facilidades dadas ao transito por terras secularmente entregues á tradicional actividade dos salteadores, e mares d'onde⁷ o character revolucionario da civilização moderna banuiu a instituição dos piratas, seja um dos⁸ mais licenciosos resultados da Revolução

^a Cf. Jean-Marie Guyau, "L'avenir de l'art e de la poésie" (1884: 89).

Franceza e do espirito anarchista em geral. Mas, em lugar de se attentar para estas deficiencias de disciplina e de ordem que repugnam tanto ao espirito positivo como ao são criterio expresso na maxima de □ – *eo qua generantur conservantur* □,^b o exagerado amor ao sensacionalismo da vida moderna, e a doentia tendencia para acreditar nas informações dos jornaes teem favorecido, sem que alguém pense em as dever evitar¹⁰, o desenvolvimento do espirito scientifico.

Por ora as consequencias da fraqueza das instituições democraticas teem¹¹ sido pouco notadas. Salvo o facto – contestavel, de resto, manda a verdade que se diga – da descoberta do polo norte, e agora este, recentissimo, da affirmação da existencia da Persia, poucas teem sido as consequencias notaveis. Mas se repararmos o que esses dois factos já por si representam, de chofre nos ocorrerá qual o perigo crescente e assolapado que nos confronta e¹² breve, visivel e inevitavel, se erguerá deante de nós.

Urge para já a constituição de uma Liga Anti-Scientifica onde se defendam os impreteriveis direitos que as terras desconhecidas teem de permanecer desconhecidas, e os paizes inexistentes¹³ de não verem¹⁴ de dia para o outro violada a sua neutralidade e forçados a entrar nas campanhas da realidade. Nem se pode dizer que isto esteja fóra dos bons principios liberaes. O partido liberal inglez – partido¹⁵ representativo, mais¹⁶ do que nenhum do liberalismo – teve quasi sempre por doutrina (salvo, é [79^v] claro, nos casos de utilidade nacional) por inviolavel a vida e instituições dos outros paizes. E¹⁷ ao mesmo tempo esta doutrina é a sã e pura attitude conservadora, dado que o que se pretende defender é a Tradição, a Ordem, a Disciplina Social¹⁸.

Na nossa politica tem¹⁹ se visto recentemente o resultado d’esta tactica revolucionaria. Um grupo de dementados tem recentemente insistido pela implantação da monarchia no nosso paiz. Attentam assim, de animo²⁰ leve, contra o character tradicional da monarchia, que é o de existir bellamente e entusiasticamente – e isso só se pode dar estando elle sempre no passado e porisso acima das paixões e das fluctuações²¹ do sentimentalismo humano. E attentam contra o sagrado principio da Tradição, que exige e sempre exigiu que a Tradição ficasse no passado, sem que o presente lhe tocasse ou a attingisse, servindo-se d’ella.

É desolador este estado de coisas. Ninguem pensa para onde vae, o que será o dia de amanhã. Para alguns elle deve ser hontem. Assim passam, entre duvidas e tedios, os nossos tristes e cançados dias.

^b Trata-se possivelmetne da máxima latina (anónima?) “*Res eodem modo conservantur quo generantur*” (“As coisas não se conservam senão com os elementos que as geraram”), que aparece em escritos do ultra-conservador francês Antoine de Rivarol (1880: 285). Zetho Cunha Gonçalves conjectura a seguinte leitura: “máxima de São Tomás de Aquino – *eadem res qua generatur et conservatur in esse* –”. A referência bibliográfica tomista seria neste caso, conforme propõe o referido editor “*Summa Contra Gentiles*, Livro 3, cap. 22, § 8” (PESSOA, 2012: 36, 175).

Impõe-se uma reacção energica e disciplinada. Por²² toda a parte o espirito revolucionario e o excesso²³ de espirito scientifico – ou, melhor, o espirito scientifico indisciplinado – pretendem avassalar a realidade. Hontem foi o polo norte declarado descoberto. Todo o conservador estremeceu. Hoje é a Persia declarada existente. Todo aquelle para quem a Tradição representa mais alguma²⁴ cousa de que um nome, sentiu as lagrimas chegarem-lhe aos olhos. Não pesou nada na balança dos escrupulos dos scientists a²⁵ belleza dos poemas de um Hafiz, de um □, de um Omar Khayyam. Foi em vão que estes grandes nomes do Passado tornaram grande e irreal e falsa a sua Patria. Nada é sagrado para os demagogos²⁶ de hoje. Que²⁷ mais²⁸ pretendem? Quanto²⁹ mais vão ousar? Só lhes falta provar que Christo foi uma realidade, que existiu o Imperio Romano, que as luctas politicas da Grecia tiveram logar realmente. Que mais querem, os novos barbaros?

Este grito é, bem o sei, lançado aos ventos. Nenhuma Liga Anti-Scientifica³⁰ se formará. Ninguem fará³¹ soar a sua voz de acordo com a minha contra a invasão d'estes³² desintegradores da sociedade. Ficarà tudo entregue aos “progressos” do espirito “scientifico”. Hoje não podemos ter tapetes persas. Já tinhamos perdido as paysagens polares. Amanhã irão as sedas da China, as cutelarias do velho Japão. Assim³³ progressivamente escassearão as subsistencias e dentro, em breve, absorvidos pela animalidade, ver-nos-hemos obrigados a viver na terra como qualquér animal, a ter saude como qualquér larva, a acreditar na vida como uma patagonia ou um cherokee.

Que o sabio³⁴ que d'aqui a dez mil annos estudar a nossa civilização extincta, applicando-se á epoca da decadencia, possa, lendo estas linhas de um homem amante da Tradição e da Ordem, verificar que nem todos se³⁵ deixaram³⁶ ir na maré, que uma voz houve que se erguesse no meio da cobardia da acceitação universal.³⁷

4 [14C-8]

[1914]

*Diario de V[icente] G[uedes]*¹

11 de maio de 1914
(22-8-1914)

Vieram dar-me hoje a noticia de que morreu Fialho de Almeida. Foi ha 3 annos, parece, mas quem, como eu, não vive annexo ás variações da immoralidade do

^c Note-se que em outubro de 1914 um grupo de noventa e três intellectuais alemães publicou um Manifesto no jornal *Berliner Tagblatt*, em favor da guerra e em defesa da *Kultur* alemã (cf. TRAVERSO, 2015: 210).

meio, pouco ou nada sabe, senão por acaso á respeito das fluctuações, como □ e mortes, no mercado dos pederastas.

Em todo o caso, como ele morreu, e era collega, porque escrevia, não quero deixar de pôr aqui umas notas dignas d'elle, e tanto quanto possível á maneira d'elle, tratando-o como elle tratou os mortos. Assim estas minhas [8^o] palavras serão como que uma continuação da attitude d'elle, fal-o-hei ressuscitar temporariamente, parecerá (sahir o melhor do estylo, sobretudo quanto a ordem e linha²) que é elle proprio quem, desdobrado, accorda, e vae escrever sobre /o conhecer de/ si-proprio³.

A figura de Fialho de Almeida forma-se de 3 elementos: era um homem do povo, um pederasta e um grosseirão, creatura da steppe alentejana, com callos na sensibilidade⁴ humana, e uma depressão onde devia ter a bossa da delicadeza. Tirante o amôr á paysagem e aos home/n/s, nada o attrahia para nada, mettido sempre na □

11 de maio de 1914
(22-8-14)

Vicium da - me lugi a
noticia de que morreu Fialho
de Almeida. Foi ha
3 annos, pouco, mas quem
como eu, não me esqueço
as variações da memoria-
lidade do meu, pouco eu
não sabe, não se eu
a' respeito do fialho, como
eu, no mercado
dos pederastas.

Em todo o caso, como
elle morreu, e era collega,
por escrever, não quero
deixar de pôr aqui umas
notas a' respeito d'elle, e tanto
quanto possível á maneira
d'elle, tratando-o como elle
tratou os mortos. Assim estas
minhas palavras serão como
que uma continuação da attitude
d'elle, fal-o-hei ressuscitar
temporariamente, parecerá
(sahir o melhor do estylo,
sobretudo quanto a ordem e
linha²) que é elle proprio quem,
desdobrado, accorda, e vae
escrever sobre /o conhecer de/
si-proprio³.

Fig. 11. BNP/E3, 14C-8^r

palavras serão como que
uma continuação da attitude
d'elle, fal-o-hei ressuscitar
temporariamente, parecerá
(sahir o melhor do estylo,
sobretudo quanto a ordem e
linha²) que é elle proprio quem,
desdobrado, accorda, e vae
escrever sobre /o conhecer de/
si-proprio³.

A figura de Fialho de Almeida
forma-se de 3 elementos:
era um homem do povo, um
pederasta e um grosseirão,
creatura da steppe alentejana,
com callos na sensibilidade
humana, e uma depressão onde
 devia ter a bossa da delicadeza.
Tirante o amôr á paysagem e
aos home/n/s, nada o attrahia
para nada, mettido sempre na

Fig. 12. BNP/E3, 14C-8^v

5 [11¹⁴X-52^v]

[1914]

Chronicas Decorativas.

Toda a gente é a caricatura d'uma unica pessôa que não existe. Nenhum de nós podia figurar n'um romance realista. Somos todos falsos, inteiramente irreaes.

O romantismo, o melodramatico, o caricatural, o grotesco – estas tendencias são as que representam a vida, a verdade, a realidade. O realismo é um delirio, a pretensão louca a forçar a realidade a ser sobria, comprehensivel e clara. A realidade, porém, é o que ha de menos comprehensivel e claro. A realidade nada tem de practico nem de sobrio. Porisso é muito mais humano, natural, espontaneo e fiel ser poeta do que ser estadista ou estrategico. O poeta não sonha, não delira, não artificia – parte da realidade por uma visão directa. É o estadista que sonha e se extravia da realidade. É o estrategico que brinca e se esquece da vida.

É ao facto de não serem practicos que os homens practicos devem a sua victoria. É a vasta e complexa poesia o saber que existem em não ter poesia nem saber nenhum que leva o homem practico a vencer.¹

6 [27²³-64^r]

[1914]

*Chr[onicas] Decorativas**II*

Uma psychologia do inexistente devia ser concisa.

Porque teem as figuras pintadas[,] esculpidas e bordadas sempre o mesmo gesto?

Porque estão sempre na mesma attitude? Deve haver uma razão para isso?

18A/37
Chronicas Decorativas

Toda a gente e' a caricatura s' uma unica
 pessoa que nao existe. Nao ha de nos poder
 fazer n' um romance realista. Querem todos
 feitos, inteiramente irreais.

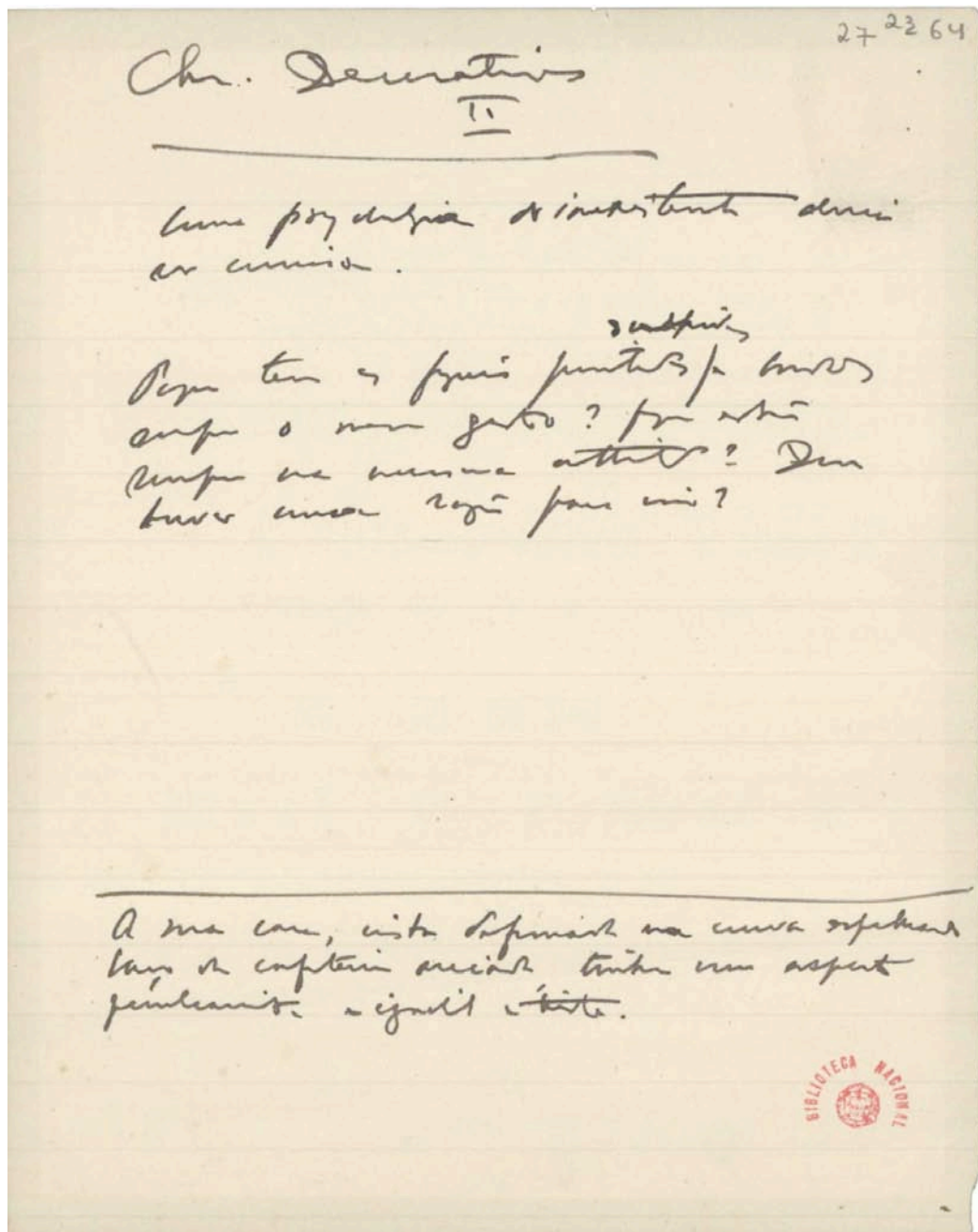
O romantico, o melodramatico, o caricatural,
 o grotesco - estas tendencias sao as que referen-
 tam a vida, a realidade, a realidade. O realismo
 e' um delirio, a pretensao logica a fazer a
 realidade a ser o que e, compreensivel e claro.
 A realidade, por' e' o que ha de mais co-
 munitavel e claro. A realidade nao tem
 pratica nem se deliria. Possui e' muito mais
 humano, natural, espontaneo e fit ao facto do
 que se apresenta no esthetico. O poeta nao
 sabe, nao deliria, nao artificial - parte da
 realidade por uma visao directa. E' o esthetico
 que sobre a realidade da vida. E' o esthetico
 que cria e se quer a vida.

E' no facto de nao serem praticos que os
 poetas vivem a sua vida. E' a vida e expressa
 quer' a vida que existam em nao ter poetas em
 se vida por bem o, ha poetas a viver.

- Mas ha gente q' vive o tempo em
 o tempo
 = N. P. e' p. o. q. m.?

- Para se um poeta se pretender no dialogo
 e' o que ha de mais no esthetico. A arte e'

Fig. 13. BNP/E3, 11¹⁴X-52^v

Fig. 14. BNP/E3, 27²³-64^r

7 [144X-48^v] [set.-out. 1915]

1. Artigos em *A Aguia* = 1 + 1 + 1 (3) + 1 Almada¹ (não a “Foresta”)
2. Artigos em *O Theatro* – 1^a série = 3 artigos.
3. Artigos em *O Theatro*² – 2^a série = 4 artigos.
4. Resposta ao Inq[uerito] Literario de *A Republica*.
5. Resposta ao³ Inq[uerito] sobre Livros de *A Republica*.
6. Artigos em *O Jornal*. Abril 1915.
7. Artigo em *A Galera*, Coimbra (Antonio Nobre)
8. Artigo no *Eh Real!*
(Antigo artigo no *Imparcial* de Carneiro de Moura).
9. Artigo em *O Raio*.
- 10 Artigo⁴ *The D[urban] H[igh] S[chool] Magazine*.
11. Carta em *The Natal Mercury*. (e outras cousas).
12. Programma da *Contemporanea*.
13. Conto (Jas. Bunkum) para Cunha Dias.
(Não a collaboração com a *Renascença*).

8 [48G-29^r] [c. 1917]

- Orpheu* 1 = *O Marinheiro*. (*Opiario* e *Ode Triumphal*).
Orpheu 2 = *Chuva Obliqua*. (*Ode Maritima*).
Eh Real! = *O Preconceito da Ordem*, e os dois ultimos sueltos.
Exilio = *Hora Absurda* e *Movimento Sensacionista*.
Centauro = *Passos da Cruz*.
Terra Nossa, n^o 3 = *A Ceifeira* (menos 1 quadra).
“*O Herald*” (*Faro*), 1.7.1917 = *A Casa Branca Nau Preta*.
Theatro, n^o 1 = *Naufragio de Bartholomeu*.
Theatro, n^o 2 = *Causas estylisticas*, etc.
Theatro, n^o 3 = 3.
A Renascença = *Impressões do Crepuscolo*.
Contemporanea = (Programma).
O Raio, n^o12 = *Chronicas decorativas*, I.
A Ideia Nacional, Anno 2, n^o 20 (13 Abril 1916) = (pág. 4 (uma opinião).)
Portugal Futurista = *Episodios*. (*Ultimatum* de A[lvaro] d[e] C[ampos]).

1. Artigos em A Águia = 1 + 1 + 1(3) + 1 ^{almoço} [não a "florista"]
2. Artigos em O Theatlo - 1ª série = 3 artigos.
3. " " - 2ª série = 4 artigos.
4. Resposta ao Ing. Literário de A República.
5. " " Ing. sobre Linhas de A República.
6. Artigos em O Jornal. Abril 1915.
7. Artigo em A Galera, Coimbra (Antonio Nogue).
8. Artigo no the Real!
- (Antigo artigo no Imparcial de Lameiro de Sousa).
9. Artigo em O Raio.
10. " " The D. H. S. Magazine.
11. Carta em The Natal Mercury. (e outras coisas).
12. Programma da Contemporanea.
13. Contos (Das Buntesam) para Cunha Dias.
(Não a colaboração em A Renascença).

Fig. 15. BNP/E3, 144X-48v

48G-29

Opuscu 1 = O Marinheiro (Opuscu e Ode Triunfal).
 " 2 = Chuva Obliqua. (Ode Maritima).
En Real! = O Presencio da Ordem, e os 2 vestimos sueltos.
Exilio = Hora Abunda e Movimento Secessionista.
Centaura = Passos da Cruz.
Terra Nova, n.º 3 = A Cefeira (menor 1 quadra).
"O Heraldoo" (Fars), 1.7.1917. = A Casa Branca Nam Preto.
Theatro, n.º 1 = Naupragio de Bartolomeu.
Theatro, n.º 2 = Cousas estylisticas, etc.
Theatro, n.º 3 = 3.
A Rinoença = Imprensa do Cefuscul.
Contemporanea - (Programma).
O Raio, n.º 12 = Chronicas Decorativas, I.
A Ideia Nacional, Anno 2, n.º 20 (13 abril 1916) = [pag. 4 (uma opiniao)].
Portugal Futurista = Episodios. (Ultimatum de A. de C.).

Fig. 16. BNP/E3, 48G-29'

Notas genéticas

1 [O Raio]

Texto publicado pela primeira vez, com a assinatura de Fernando Pessoa, em *O Raio*, 1.^o ano, n.^o 12, 12 de setembro de 1914, pp. 7-8.

NOTAS

1 doutoral o] *no original*.2 parecia se] *no original*.3 joponez] *no original*.2 [92L-77^r a 78^v]

Texto datilografado em duas metades de folha. Na primeira existe uma data, "22/8/1914", datilografada a tinta vermelha; no verso da mesma folha encontra-se o timbre da firma Lavado, Pinto & C.^o L.^{td}. Em 92L-78^r existem apontamentos ilegíveis, manuscritos a lápis azul. Trata-se de uma versão preparatória ou alternativa do texto anterior (*O Raio*, 1.^o ano, n.^o 12, 12 de setembro de 1914, pp. 7-8). Previamente publicado em "Di là dall'orizzonte: scritti, pensieri e immagini dagli archivi di Fernando Pessoa" (BOSCAGLIA, 2014).

NOTAS

1 Bo<r>o

2 <ap>pareceu-<e>/m\ e

3 <->/n\ as

4 Universidad] *no original*.

5 dei<t>/x\ ado

6 <t>/m\ odalidades

7 d<a>/e\

8 vrios] *no original*.

9 <quand>além

10 phenonmenos] *no original*.11 comprehede-se] *no original*.12 difficultaddes] *no original*.

13 l<i>/o\ uça

14 porcelana <,> nipponica

15 tempestada] *no original*.

16 <t>/n\ 'um

17 psycholgia] *no original*.18 psycjologia] *no original*.19 o Já- [77^v] o verdadeiro Japão20 uma] *no original*.

21 indiv<n>/i\ dualidade

22 realidad] *no original*.23 scientifa] *no original*

24 <d>/m\ as

25 <Um> A

26 Jpão] *no original*.27 absrudo!] *no original*.28 Univesidad] *no original*.

29 <A sciencia não é> Não

30 d] *no original*.

3 [92L-78^v a 79^v]

Três páginas datilografadas e numeradas. Trata-se do segundo de dois textos datados do dia “22/8/1914” (v. documento 2). Publicado com ortografia atualizada e preenchimento arbitrário de um espaço deixado em branco pelo autor, em *Contos Completos: Fábulas & Crônicas Decorativas* (PESSOA, 2012: 35-40). Publicado, em 2015, na nossa dissertação de doutoramento.

NOTAS

- 1 <o>/a\
- 2 ?] *no original*.
- 3 debominação] *no original*.
- 4 c□edito] *no original*.
- 5 éporque] *no original*.
- 6 E<s>
- 7 <em que>/d’onde\
- 8 <res>/dos\
- 8 maxima de □ – *eo qua generantur conservantur □] *no original*.
- 10 evi<at>/ta\r
- 11 tem] *no original*.
- 12 <já> e
- 13 inexisten<c>tes
- 14 <s>/v\erem
- 15 inglez-<teve>/part\ido
- 16 <s>/m\ais
- 17 <e>/E\
- 18 <s>/S\ocial
- 19 teem] *no original*.
- 20 anim<p>/o\
- 21 flucutações] *no original*.
- 22 Po<t>/r\
- 23 e<s>/x\cesso
- 24 al<v>/g\uma
- 25 <que> a
- 26 <revol>/demag\o<d>/g\os
- 27 <Depois> Que
- 28 mias] *no original*.
- 29 quanto] *no original*.
- 30 □nti-Scientifica] *no original*.
- 31 <s>/f\ará
- 32 d’es<s>/t\es
- 33 <+>/A\ssim
- 34 <l>/s\abio
- 35 <foram no.bote> se
- 36 deixarem] *no original*.
- 37 universal. -----

4 [14C-8]

Um fragmento de folha (com marca de água Almoço Prado) manuscrito a tinta preta de ambos os lados. Publicado pela primeira vez em Pessoa por Conhecer (LOPES, 1990: I, 230).

NOTAS

- 1 <Chron[icas] Dec[orativas]> [↑ Diário de V. G]
- 2 *ordem e *linha
- 3 sob <†>/re\ <si proprio, †> [↑ o conhecer de] si proprio
- 4 na <sensibilidade> sensualidade

5 [11¹⁴X-52^v]

Meia folha manuscrita a tinta preta e vincada ao meio na horizontal. No fim da página e no verso da mesma, manuscrito a lápis, encontra-se um fragmento de uma obra dramática. Texto publicado parcialmente por Richard Zenith em PESSOA (2006: 469). Publicado com leituras divergentes em "Pessoa, Borges and Khayyam" (BOSCALLIA, 2015b). A parte final do texto é de difícil leitura.

NOTAS

- 1 É a vasta e complexa poesia o saber que existem em não ter poesia nem saber nenhum que leva o homem practico a vencer.] *leitura conjectural.*

6 [27²³-64^r]

Uma folha de caderno pautada manuscrita a tinta preta. Na parte inferior, separado por uma linha horizontal, existe um fragmento manuscrito (v. Anexo).

ANEXO [27²³-64^r – ms.]

A sua cara, vista deformada na curva espelhada baça da cafeteira areiada, tinha um aspecto †, e ignobil e triste.

7 [144X-48^v]

Uma folha de caderno pautada manuscrita a tinta roxa. Texto publicado em Sensacionismo e outros ismos (PESSOA, 2009: 309).

NOTAS

- 1 1 [↑Almada]
- 2 – "] *no original.*
- 3 –] *no original.*
- 4 –] *no original.*

8 [48G-29^r]

Uma folha de caderno pautada manuscrita a tinta preta. Texto publicado em Sensacionismo e outros ismos (PESSOA, 2009: 276).

Bibliografia

Arquivos de Fernando Pessoa

Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3 (BNP/E3)ⁱ
 Casa Fernando Pessoa, Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP)

Obras consultadas

- BARRETO, José (2014). “Fernando Pessoa – germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 6, pp. 152-215.
- BOSCAGLIA, Fabrizio (2016). “Fernando Pessoa and Islam: a an introductory overview with a critical edition of twelve documents”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 38-109.
- ____ (2015a). “A presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa”. Tese de Doutoramento em Filosofia. Universidade de Lisboa.
- ____ (2015b). “Pessoa, Borges and Khayyam”, in *Variaciones Borges*, n.º 40, 41-64.
- ____ (2014). “‘Di là dall’orizzonte’: scritti, pensieri e immagini dagli archivi di Fernando Pessoa”, in *Tintas: Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, n.º 4, 313-339.
- BOTHE, Pauly Ellen (2013) [ed.]. *Apreciações Críticas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BRAGA, Duarte Drumond (2016) “Um roteiro pessoano sobre a Índia”, in *Pessoa Plural: a Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 11-37.
- ____ (2014). “Ao oriente do Oriente: transformações do orientalismo em poesia portuguesa do século XX. Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos”, Tese de Doutoramento em Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARDIELLO, Antonio (2016). “Os Orientes de Fernando Pessoa: adenda”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 131-150.
- CASTRO, Mariana de (2006). “Oscar Wilde, Fernando Pessoa and the Art of Lying”, in *Portuguese Studies*, vol. 22, n.º 2.
- FERRARI, Patricio (2010). “Anotações”, in *Casa Fernando Pessoa: Biblioteca Digital*. Web. Página visitada a 9 de maio de 2016.
<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/anotacoes3.htm>
- FERRARI, Patricio; PITELLA-LEITE, Carlos (2016). “Twenty-one Haikus by Fernando Pessoa”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 187-232.
- GUYAU, Jean-Marie (1884), “L’avenir de l’art e de la poésie”, in *Les Problèmes de l’esthétique contemporaine*. Paris: Félix Alcan.
- LOPES, Teresa Rita (1990) [ed.]. *Pessoa por Conhecer, vol. II: Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- MORAES, Wenceslau (1905). *O culto do chá*. Kobe: Typographia do “Kobe Herald”.
- PESSOA, Fernando (2013a). *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2013b). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2012). *Contos Completos: Fábulas & Crônicas Decorativas*. Organização, prefácio e notas Zetho Cunha Gonçalves. Lisboa: Antígona.

ⁱ No presente trabalho, optámos por omitir a sigla BNP/E3, apresentando apenas as cotas dos documentos deste espólio.

- ____ (2011). *Crônicas da vida que passa*. Edição de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática [Babel].
- ____ (2009). *Sensacionismo e outros ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2006). *Obra Essencial: III*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1928). “O Provincianismo Português”, in *O “Noticias” Ilustrado*, série II, n.º 9.
- ____ (1915). [Álvaro de Campos]. “Ode Triumphal”, in *“Orpheu”*: *Revista trimestral de literatura*, n.º 1, pp. 77-83.
- ____ (1915). [Álvaro de Campos]. “Opiario”, in *“Orpheu”*: *Revista trimestral de literatura*, n.º 1, pp. 71-76.
- ____ (1915). “O Preconceito da Ordem”, in *Eh Real!*, n.º 1, pp. 7-9.
- ____ (1914). “Crônicas decorativas: I”, in *O Raio*, n.º 12, pp. 7-8.
- ____ (1912). “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, in *A Águia*, 2.ª série, n.º 4, pp. 101-107.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2011). “Os Orientes de Fernando Pessoa”, in *Revista Cultura ENTRE Culturas*, n.º 3, pp. 148-185.
- RIVAROL, Antoine de (1880). *Œuvre choisies de Rivarol*. Paris: Librairie des Bibliophiles.
- TRAVERSO, Enzo (2015). “European Intellectuals and the First World War: Trauma and New Cleavages”, in *Cataclysm 1914: The First World War and the Making of Modern World Politics*. Ed. Alexander Anievas. Leiden: Brill.
- URIBE, Jorge (2015). “As distâncias decorativas de Fernando Pessoa: o Japão como realmente é”, in *Gratuita*, n.º 2, pp. 155-162.
- WATANABE, Kazufumi (2016). “Tradução e recepção de Fernando Pessoa no Japão”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 286-296.
- WILDE, Oscar (2003). *Complete Works*. Glasgow: Harper-Collins.

Obras da Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP)

- CHESTERTON, Gilbert Keith (1914). *The Victorian Age in Literature*. London: Williams and Norgate. New York: Henry Holt & Company. Toronto: W. M. Briggs. India: R. & T. Washbourne (CFP, 8-110).
- EMERSON, Ralph Waldo (1902). *Works of Ralph Waldo Emerson: Essays, first and second series; Representative men; Society and solitude; English traits; The conduct of life; Letters and social aims; Poems; Miscellanies; Embracing nature; Addresses, and lectures*. London: George Routledge & Sons, Limited (CFP, 8-172).
- GUYAU, Jean-Marie (1909). *L’art au point de vue sociologique*. 8ème ed. Paris: Félix Alcan (CFP, 7-5).
- ____ (1900). *Vers d’un philosophe*. 3ème ed. Paris: Félix Alcan (CFP, 8-242).
- KHAYYÁM, Omar (1910). *Rubáiyát of Omar Khayyám: The astronomer poet of Persia*. Rendered into English verse by Edward Fitzgerald. Leipzig: Bernhard Tauchnitz (CFP, 8-296) [reimpr. post março de 1928].
- QUILLER-COUCH, Arthur Thomas (ed.). *The Oxford Book of Victorian Verse*. Chosen by Arthur Thomas Quiller-Couch. Oxford: The Clarendon Press (CFP, 8-405).